

E X I T U S: AUTORRETRATO TRANSESTÉTICO E PROCESSOS DE CURA DO SI

Raimundo Kleberson de Oliveira Benicio¹

RESUMO

Este texto fala de reflexões e recortes²a partir da videoperformance E X I T U S (2020), experimentação criada nos espaço do Sítio Santa Rosa, na cidade interiorana do Crato, Ceará. Discuto alguns aspectos da Sociedade Transestética e como a implicação pela transparência tem contribuído para nossas produções implicitamente e levado a um autorretrato transestético.

PALAVRAS-CHAVES: Sociedade Transestética. Autorretrato transestético. E X I T U S.

RESUMEN

This text speaks of reflections and clippings from the videoperformance E X I T U S (2020), an experiment created in the space of Sítio Santa Rosa, in the interior city of Crato, Ceará. I discuss some aspects of the Transaesthetic Society and how the implication for transparency has contributed to our productions implicitly and led to a transaesthetic self-portrait.

KEYWORDS: Transaesthetic Society, Transaesthetic Self-Portrait, E X I T U S.

REFÚGIOS

Estamos em toda parte e ao mesmo tempo em lugar nenhum. (E X I T U S, 2020)

A relação com as formas tecnológicas atuais tornou-se um refúgio para muitas pessoas, assim como ampliaram as novas possibilidades de acesso à virtualidade com a pandemia do novo Coronavírus-19³ (COVID-19). Com a revolução das tecnologias da informação e meios de comunicação, hoje, assombrosamente a percepção é abalada, a interação, a relação com a outra e consigo mesma podem ser determinadas e afetadas pela

¹Artista Múltiplo, Ser Místico. Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia. Contato: kleberbenicio@gmail.com.

²BENICIO, R. K. O. **A Mutabilidade das Recepções:** do presencial ao virtual. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, 2021. Disponível em: RI UFBA: A mutabilidade das recepções: do presencial ao virtual. Acesso em: 13 agosto 2021.

³Hoje a pandemia completa mais de um ano (2021). Nota-se que tivemos um enorme bombardeamento de conteúdos artísticos por parte das artistas, através do compartilhamento de *links* de espetáculos e das *lives* como tentativa de [re]existir e [re]inventar diálogos com a virtualidade.

volatilidade da abundância de imagens presentes nas redes sociais. Podemos refletir como um dos impactos da pandemia trouxe e convocou na humanidade um sentimento de aflição que contribui para uma dispersão na atenção perceptiva.

O COVID-19 pode ser uma resposta ao descuido, à falta de preservação, a exploração dos recursos naturais e negligência ao planeta. Mudamos constantemente de acordo com os avanços tecnológicos, e não diferente, as doenças acompanham o ritmo evolutivo da humanidade e se redimensionam transformando-se em resistência em seu sentido biológico, a exemplo disso, a disseminação das variantes.

Não há como fugir da compulsão pela busca e criação que tornou um aspecto ainda mais constante nesse período de quarenta, em razão da necessidade e preenchimento de novos estímulos que alimentem a atenção do fruir e do criar. A exemplo disso, podemos notar os compartilhamentos de *links* dos trabalhos artísticos como uma possível resposta de se manter na ativa artisticamente. A permanência de existência das produções artísticas poderia estar associada também a um possível vazio que atormentava ocultamente nosso ser cotidianamente? Como não ser atravessado com isso tudo? Como não ser abalado com uma mudança tão drástica?

Penso que nem sempre é nosso caminho e desejo buscar por distrações que retroalimentem nossa atenção, mas é uma resposta desse corpo temporariamente desgastado por uma sobrecarga de responsabilidade de controle da própria vida e de um possível vazio indizível que assombra invariavelmente nosso modo de ser. A pandemia trouxe um momento paradoxal de reflexões sobre si para muitas pessoas, inclusive sobre mim mesmo, de esvaziamento, de ausências e aproximações ainda mais dos contatos virtuais.

A dimensão e expansão de contatos e transmissões *on-line* foram refúgios para muitas. Enquanto outras pessoas se isolaram para refletir sobre si, outras se refugiaram em seus vícios pessoais. Para o filósofo Christoph Türcke em seu livro “Sociedade Excitada: filosofia da sensação”, a questão do vício é como um apoio que o ser busca se preencher no objeto, na tentativa de fuga da realidade:

O vício é busca de um apoio vital num objeto falso, sendo que aqueles que o procuram não devem ser informados de que se trata de algo falso. Eles sentem, eles sabem que a substância na qual se aferram não fornece nenhum apoio, mas eles não têm outra e, por isso, cada vez mais se jogam a ela, a mesma substância que os priva daquilo que lhes deveria lhes proporcionar (TÜRCKE, 2010, p. 239).

Todo mundo tem seus momentos de “abalos sísmicos” de si. Ninguém é imune ao vício. Às vezes, é nesse refugiar-se que buscamos estímulos de preenchimentos diferentes

na tentativa de tornar nosso si alhures para recuperar fôlego e retornar quando for o momento certo, em que sua saúde mental esteja recarregada, cada pessoa possui um refúgio pessoal que funciona como uma fuga da realidade para se distrair ou se curar de alguma ferida, tais ações que podem ser relacionada a compulsão por comida, ao prazer sexual, a fruição imagética são exemplificações de preenchimentos de uma sobrecarga pessoal. Talvez nos refugiemos e nos distanciemos para que não precisemos encarar um vazio interior, pois os refúgios podem ser uma resposta referente ao não enfrentamento a realidade, principalmente quando se têm a sensação de que ela não está encaminhando para a realização de desejos e planos futuros pessoais.

Como não ser atravessado com isso tudo? Como não ser abalado com uma mudança tão drástica? Assim me vi perdido, desestimulado, atravessado com tudo que acontecia no meu corpo e no mundo. Com as reflexões e escrita da minha dissertação, com um amor não correspondido, com um recuar da virtualidade, da sociabilidade, senti a necessidade de buscar uma cura de mim mesmo. Desse modo E X I T U S (*2020) nasceu da ideia do “CURAR-SI”. Foi uma experimentação na minha residência, Sítio Santa Rosa, na cidade interiorana do Crato, Ceará. Onde busquei me relacionar com os espaços na tentativa de imersão do meu eu e utilizar desse sentimento que tanto me afligia como estímulo criativo para gerar um trabalho artístico.

Latim: Sunt tempora cum non inveniet nostrum in mundo et recesserimus a nobis hoc exsilium: hostage est maior debebatur, nec iis se affectus, renuntiatio atrocitatem aequo et Disiunctio est conatus est capere nostrum spiritum, et reditus quando tempus est. Existus est paulum a me, ogitationem meam, corpus meum, quod artifex architectura frangitur in frusta cutem meam et sanitatem processus mutantur. Conceptio, Solemni Editione et curiositas⁴;

Há períodos que não encontramos nosso lugar no mundo e nos ausentamos de nós mesmos, exilamos, refém da contaminação de não querer ser afetado, a renúncia do desvinculo e desligamento é uma tentativa de existir para recuperar fôlego e retornar quando for o momento certo. Existus é um pouco de mim, meus pensamentos, meu corpo-arquitetura enquanto artista despedaçado em fragmentos de meu processo de cura e troca de pele⁵.

⁴A descrição em latim advém do próprio processo criativo que me fez pensar na linguagem ancestral da escrita, entrar em contato com os espaços do meu sítio me permitiu adentrar no meu imaginário e acessar uma ancestralidade antiga do meu ser.

⁵Descrição de minha vídeoperformance E X I T U S. Disponível em: [E X I T U S - YouTube](#). Acesso em: 08. Out. 2021.



Imagem 1. E X I T U S (2020), videoperformance em busca da cura do meu eu. Arquivo pessoal do autor.

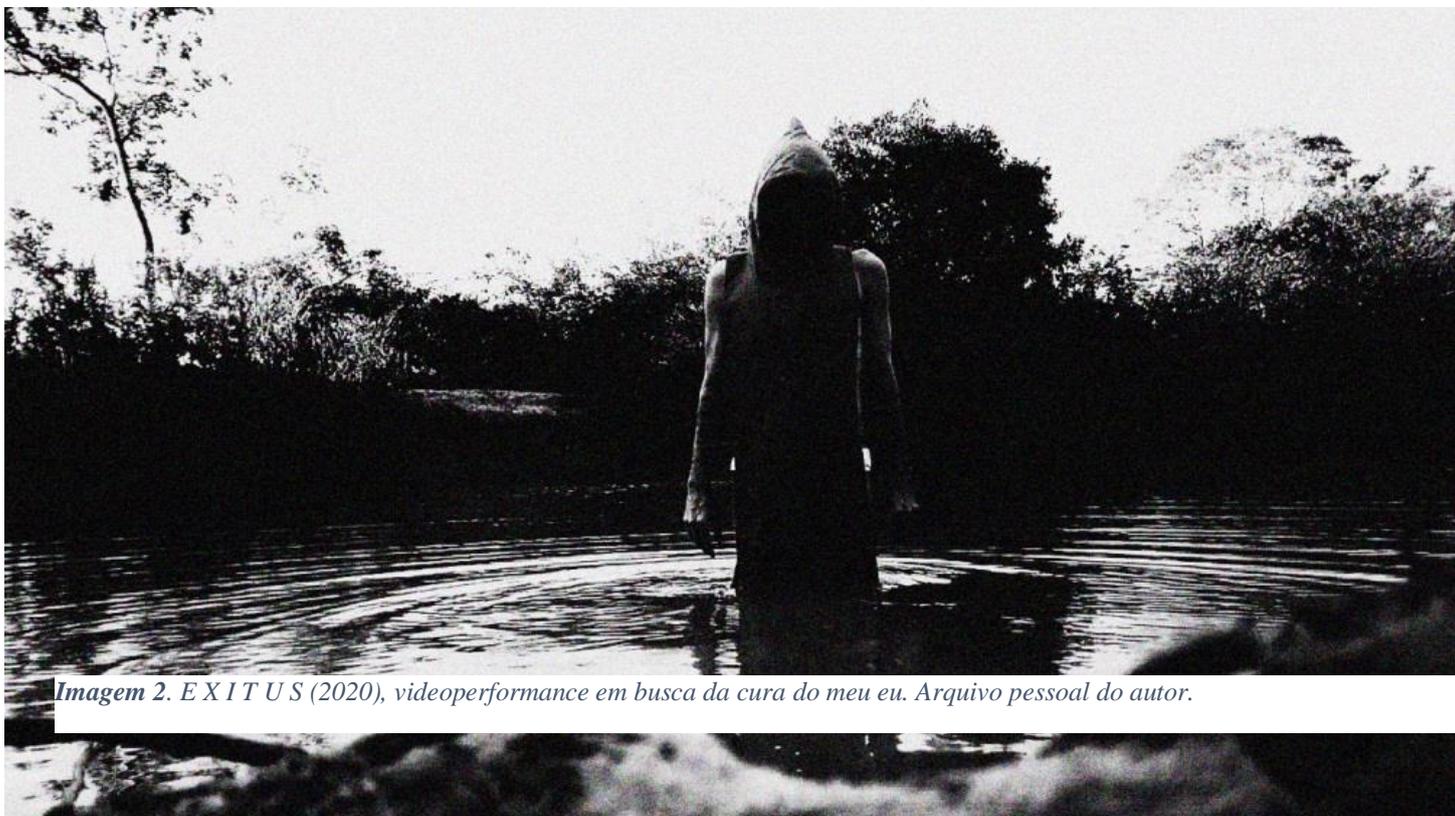


Imagem 2. E X I T U S (2020), videoperformance em busca da cura do meu eu. Arquivo pessoal do autor.

Com os processos de reflexões sobre meu corpo, advinda dos escritos da minha dissertação e elaboração de E X I T U S, passei a me questionar: por que eu me fotografo diante disso tudo? Por que eu ainda desejo criar enquanto artista, se o que acontece tem me ferido?

A otimização da produção de imagens e compartilhamentos nas mídias digitais nos coloca em toda parte e em parte nenhuma, se levarmos em consideração que a disseminação desses materiais nada mais é que capturas e rupturas atemporais do tempo. A manifestação pela criação, em verdade, pode ser uma resposta de uma alienação do transestético (está relacionado com a dimensionalidade da imagem que pode incitar um prazer no ato de olhar). Para os filósofos Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2015) o transestético dentro do capitalismo se manifesta numa multidão de setores:

O capitalismo artista, criativo ou transestético não deve tampouco ser vinculado a um setor da vida econômica — no sentido em que se fala de setor primário, secundário ou terciário —, nem a um ramo especializado, como a indústria automobilística, a construção ou o agroalimentar. Incluindo atividades tão variadas quanto certas produções de forte componente tecnológico, o design, os produtos cosméticos ou a publicidade, mas também as artes do espetáculo, a moda, o luxo, o turismo, os parques temáticos, os videogames, a música, o cinema, a arquitetura, o capitalismo transestético é difícil de circunscrever: ele apresenta uma característica multiforme e multipolar, se manifesta numa multidão de setores e de ramos e se apodera sem cessar de novos domínios mais ou menos heterogêneos, que percorre redesenhando os produtos e as imagens, integrando a dimensão do gosto, do prazer e do divertimento dos consumidores a serem seduzidos. (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 42- 43).

A ideia de *Sociedade Transestética* traz à tona uma gama de ramificações que a imagem perpassa nos dias atuais, quais sejam: Sociedade da tela generalizada advinda dos diversos formatos dos canais e redes sociais em diferentes dimensões; a demanda ilimitada de internet; a hibridização de conteúdos e linguagens artísticas; personalização estética de ferramentas, entretenimento e retorno financeiro; a inversão de protagonismo na qual qualquer pessoa pode ser empreendedora de seu canal virtual e ascender no mundo das celebridades; as experiências de filmes 3D; realidades imersivas e próximas de um real; a espetacularização dos *realities shows*, dentre outras.

Se com a pandemia as relações de encontro foram interrompidas em vários aspectos, a estratégia que muitas pessoas embarcaram como adaptações foram as capturas de tela. A transmissão em tempo real de um evento, ou conversa particular, pode dar a sensação de eliminação temporal de contato com a outra e incitar um contato intocável em termos corporais. Mesmo assim, a pressão pela transparência comunicativa é evidente, na medida em que essas capturas de tela são disponibilizadas nas suas plataformas virtuais.

Acontecimento recorrente nas plataformas de *stories*; que revela certanecessidade exacerbada de continuidade em produzir imagens e dar satisfação a outras pessoas virtuais, mesmo sem a arte do encontro presencial. Essa percepção pode ser uma resposta que transmite a imagem fragmentária do corpo em um tipo de autorretrato transestético, que se

reinventa e estabelece para si a seleção de seus ângulos, filtros, efeitos da imagem antes de postá-la.

Um autorretrato transtético reflexo da alienação do próprio ser e sua recepção virtual gera uma atualização que contém critérios seletivos elaborados por suas preferências imagéticas. As imagens podem despertar na fruição uma seleção de critérios elaborados por si próprio, tanto para denotar as suas preferências imagéticas, como para estetizar a autoimagem. Deste modo, há previamente certo cuidado de mostrar seu autorretrato para oferecer ao outro uma sedução implícita, que levará a um registro de induzir ao consumo de sua própria imagem.

Estamos sempre nos reinventando, buscando estratégias para suprir nosso vazio interior, nos refugiamos nos jogos, na virtualidade, nas práticas corporais, na música, nos alimentos, cada um de maneira singular de acordo com o gosto atrativo que funciona como um anestésico esporádico de desligamento temporário.

Na época atual as relações são descomprometidas. A maioria das pessoas deseja se encontrar, criar vínculos, mas também querem certo distanciamento, posto que reflitam que talvez não se envolver pode permitir não repetir um sofrimento anterior. Fica implicitamente na experiência com o outro, a sensação da ausência gerada pelo medo da entrega.

Podemos ser fragmentos virtuais das diversas versões de nós mesmos em diferentes espaços, nos revelamos de acordo com nosso grau de alienação transtética que as plataformas invariavelmente nos provocaram, somos objetos que incitam uma excitação para a outra mesmo que implicitamente, é gerada uma intenção, para satisfazer um desejo oculto por meio da exposição gratuita, sem ninguém precisar nos obrigar.

O Amor que não tem vez

Evitamos possivelmente o apego à outra pessoa e cedemos muitas das vezes, ao consumismo, pois o risco de entregar-se ao outro é utopia, visão negativa que cega em muitas situações e impossibilita a uma abertura para uma experiência duradoura. Queremos o apego, mas também o desapego, queremos a oportunidade do sexo rápido, mas também do sexo contínuo com alguém. Amor, prazer e conquista não descarta a ideia de transformar o outro em objeto consumível.

Hoje, o corpo constitui um valor expositivo de mercadoria estética, na qual a outra é objeto de excitação sexualizada, ou seja, “não se pode amar o outro, a quem se privou de sua

alteridade; só se poderá consumi-lo” (HAN, 2017, p. 27). O amor não tem vez em virtude de ser objetificada para consumo, e muitas vezes, se torna uma relação efêmera e descartável.

O filósofo Byung-Chul Han(2017) identifica que, devido à multiplicidade de opções em que se tem propalado na contemporaneidade, a questão do amor à outra não tem mais vez, na medida em que ele estaria desaparecendo pela racionalização e na otimização de possibilidades advindo das tecnologias, a qual contribui em uma erosão da outra para ocorrer uma inversão direcionada a um narcisismo próprio.

Hoje, vivemos numa sociedade que está se tornando cada vez mais narcisista. A libido é investida primordialmente na própria subjetividade. O narcisismo não é um amor próprio. O sujeito do amor próprio estabelece uma delimitação negativa frente ao outro em benefício de si mesmo. (HAN, 2017, p. 9-10).

As relações tornam-se descomprometidas, o encontro pode acontecer, mas raramente pode se repetir. O posicionamento do amor, diante disso, está submisso a uma ditadura do desempenho pessoal que seleciona múltiplos critérios pessoais, justamente porque “hoje em dia, o amor é positivado numa fórmula de fruição. Ele precisa gerar sentimentos agradáveis. Ele não é uma ação, uma narração, nem sequer é mais um drama; antes, não passa de emoção ou excitação inconsequente” (HAN, 2017, p. 29).

O risco de entrega torna-se utopia na atualidade, em consequência de uma visão negativa que impossibilita a uma abertura para uma experiência da alteridade. O que se busca é o desapego, a qual a oportunidade do sexo rápido, transforma o amor hoje em objeto de consumo para satisfazer a si própria.

Facilmente descartamos uma pessoa, basta bloqueá-la de todas as redes sociais, não a responder ou se ausentar delas, esse refúgio temporário permite uma administração voltada para um tempo maior para si, mas ao mesmo tempo, que temos uma sensação libertária, no sentido de desprendimento, uma ambivalência pode ficar evidente, na medida em que buscamos outros preenchimentos para sanar nosso vazio ou sentimento de ferimento.

Há naturalmente uma busca pela otimização do tempo (se refere a uma abundância de preenchimento com estímulos de entretenimento) que nos induz a um esgotamento psicológico quando não estamos em movimento. Não conseguimos parar (em vários sentidos), a necessidade de volatilidade de preenchimento com atenção ou busca de um relaxamento da mente está impregnada em nossas necessidades e qualidades de vida cotidianamente. Muitas vezes, o excesso de preenchimento de atenção pode gerar um esgotamento e um cansaço psicológico que invariavelmente desperte uma sensação de renovação e de abandono do cotidiano para iniciar um novo ciclo. Para o filósofo Le Breton “às vezes, a nossa existência

nos pesa. Mesmo que por algum tempo tenhamos vontade de nos livrar das necessidades ligadas a ela, de tirarmos férias de nós mesmos” (LE BRETON, 2018, p. 9).

Esses momentos de mudanças e hábitos cotidianos podem trazer a necessidade de renovação, de romper com antigos preceitos, de excluir os rastros, sejam virtuais ou materiais. Assim, O desejo de recomeçar uma nova fase da vida também pode estar relacionado à necessidade de ser outra; os distanciamentos fazem-se necessários como rupturas dessa pele que se liberta de coerções sociais e virtuais. A rejeição ao antigo cotidiano pode ser uma tentativa de abandono e de reinvenção da própria existência por meio de outra perspectiva.

A larga produção e fluxo econômico da globalização com suas superproduções culturais por meio da difusão de imagens e comunicação eletrônica é um dos fatores espantosamente massificador de investimento progressivo constante para induzir a população ao hiperconsumo excessivo, sejam de produtos eletrônicos ou de imagens; contemporaneamente vivemos a era transestética(LIPOVETSKY; SERROY, 2015), da obsolescência das imagens e das experiências flutuantes, tudo isso descortina novas paragens de relação com a recepção ao objeto artístico, seja qual for.

Como Tudo me Atravessou?

Como chegar a uma conclusão diante das reflexões sobre si? Criar em seu sentido artístico ou escrito é desvelar o que acontece e passa no corpo. Toda esta escrita possui uma relação íntima de um processo que partiu deste meu corpo e foi atravessando-me com o tempo. O corpo é um labirinto com muitas possibilidades. Onde gerei uma reflexãoa mim mesmo para olhar com mais cautela tudo que vivenciei enquanto pesquisador e artista. Percebi com isso, que não há como pensar nesse meu corpo e no que me levou a criar o E X I T U S sem pensar no contexto atual.

Falar do transestético e me questionar como a transparência pode ser um fator que contribui para uma alienação de se manter em movimento, é pensar sobre como isso afeta o imaginário desse corpo. É me questionar o por quê me senti obrigado a dar uma satisfação enquanto artista diante de uma quarenta, é refletir sobre a necessidade de buscar uma cura que possa aliviar um vazio indizível, é investigar como os espaços da minha residência podem trazer um redimensionamento ao meu corpo.

Talvez a cura sobre si quando olhamos para o centro do nosso corpo possa não existir, mas gera-se um processo de escrita e reflexão labiríntica, um verdadeiro caos. Foi olhando

para estas relações de intensificação e sociabilidade virtual advinda da quarentena que passei a tentar relacionar o que descobri do meu corpo no meu processo de cura pessoal, de aliviar um caos interno que assombrava minha percepção e esgotamento do cotidiano. Então deixo esses escritos como um partilhar de me perceber enquanto corpo e como me relacionei com o contexto em que estive vivenciando, um labirinto como uma metáfora da minha mente. Estamos em toda parte e ao mesmo tempo em lugar nenhum.

REFERÊNCIAS

BENICIO, R. K. O. **A mutabilidade das recepções**: do presencial ao virtual. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, 2021. Disponível em: [RI UFBA: A mutabilidade das recepções: do presencial ao virtual](#). Acesso em: 13 ago. 2021.

HAN, Byung-Chul. **Agonia de Eros**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

LE BRETON, David. **Desaparecer de si**: uma tentação contemporânea. Trad. Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. Trad. Eduardo Brandão. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: Unicamp, 2010.